



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

JAQUELINE TARGINO DOS SANTOS

A VALORIZAÇÃO DA FIGURA FEMININA NEGRA NA OBRA “MENINA
BONITA DO LAÇO DE FITA”

João Pessoa
2018

JAQUELINE TARGINO DOS SANTOS

**A VALORIZAÇÃO DA FIGURA FEMININA NEGRA NA OBRA “MENINA BONITA
DO LAÇO DE FITA”**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal da Paraíba como parte
dos requisitos necessários para a obtenção da
licenciatura Letras - Português.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia Félix
Gualberto.

JOÃO PESSOA
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237v Santos, Jaqueline Targino Dos.

A Valorização da Figura Feminina Negra na Obra "Menina Bonita do Laço de Fita". / Jaqueline Targino Dos Santos. - João Pessoa, 2018.

35 f. : il.

Orientação: Ana Cláudia Félix Gualberto.

TCC (Especialização) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura infantil. Personagens Negros. I. Gualberto, Ana Cláudia Félix. II. Título.

UFPB/CCHLA

JAQUELINE TARGINO DOS SANTOS

**A VALORIZAÇÃO DA FIGURA FEMININA NEGRA NA OBRA “MENINA BONITA
DO LAÇO DE FITA”**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal da Paraíba como parte dos
requisitos necessários para a obtenção da licenciatura
Letras - Português

Data de aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Cláudia Félix Gualberto (Orientadora)

Profa. Dra. Fabiana Ferreira da Costa (UFPB)

Prof. Me. Aline Cunha de Andrade Silva (UFPB)

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por ter dado sabedoria e me fortalecido ao longo dessa caminhada.

Às três mulheres da minha vida, minha vó Lurdes, minha mãe Vanda e minha tia Dapaz, por suas orações e amor incondicional.

A meu esposo Alex, meu companheiro de vida, que sempre me motiva a continuar firme e forte em minha trajetória.

À professora Ana Cláudia, por ter acreditado no meu trabalho e me orientado com competência e paciência.

Aos professores, que foram fundamentais na minha formação acadêmica aos quais possuo enorme admiração, especialmente Amador Ribeiro, Beliza Áurea (*in memoriam*), Daniela Segabinazi, Leonor Santos, Fabiana Ferreira, Fatima Melo, Marineuma de Oliveira, Maria Bernadete, Margarete Von Muhlen Poll, Milton Marques, Socorro Cláudia, Wilma Martins.

Aos amigos e companheiros de curso, por todo apoio e experiências compartilhadas.

“Só quando alguém lê é que o livro se completa.”

Ana Maria Machado

RESUMO

Este trabalho discute a importância que a literatura infantil afro-brasileira tem para construção da identidade da criança. A partir de um breve contexto histórico sobre como o personagem negro era inserido nas histórias infantis, dando ênfase para os personagens femininos, e como eram utilizados os elementos estéticos africanos para a representação dessas personagens. O objetivo principal é mostrar na obra **“Menina bonita do laço de fita”**, da autora Ana Maria Machado, a valorização da figura feminina negra em obras infantis e o quanto se faz necessário livros direcionado às crianças que busquem cada vez mais desconstruir um “padrão de beleza”, apresentando assim a diversidade cultural que se faz presente no país. Reforçando a valorização, a aceitação e o respeito pelas diferenças. Por isso a literatura infantil e a escola estão ligadas diretamente na construção desses valores desde cedo. Pois é na infância que a criança começa a construir sua identidade e personalidade.

PALAVRAS - CHAVES: Literatura infantil. Personagens negros. Menina bonita do laço de fita.

ABSTRACT

This work discusses the importance that Afro-Brazilian children's literature has for construction of the child's identity. From a brief historical context on the how the black character was inserted in children's stories, giving emphasis to the female characters, and how African aesthetic elements were used for the representation of these characters. The main objective is to show in the "**Menina bonita do laço de fita**", by the author Ana Maria Machado, the valorization of the black female figure in children's plays and how much is needed books aimed at children who increasingly seek to deconstruct a "pattern of beauty", thus presenting the cultural diversity that is present in the country. Reinforcing appreciation, acceptance and respect for differences. That is why literature and the school are directly linked to the construction of these values since early. For it is in childhood that the child begins to construct its identity and personality.

KEYWORDS: Children 's Literature. Black characters. Menina bonita do laço de fita.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Mãe da menina fazendo trança em seus cabelos.....	26
Imagem 2 - A menina com seus cabelos cheios de tranças.....	26
Imagem 3 - Lelê está feliz com seus cabelos.....	29
Imagem 4 - Lelê exibe com orgulho seus cabelos nas ruas.....	29
Imagem 5 - Vários penteados afros.....	30
Imagem 6 - A menina está exibindo com orgulho suas tranças.....	30
Imagem 7 - A mãe é destacada com cabelos crespos/cacheados.....	31
Imagem 8 - A menina sem as tranças.....	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A LITERATURA INFANTIL: UM BREVE HISTÓRICO	12
1.1. A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	15
2. A PRESENÇA NEGRA E A DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO NA LITERATURA INFANTIL	18
2.1. A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA COM ELEMENTOS DA ESTÉTICA AFRICANA.....	24
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIA	34

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste trabalho surgiu através da disciplina Literatura Infanto-juvenil, quando me deparei com o primeiro livro em que existia uma protagonista negra. E ao recordar sobre minha infância em particular pude perceber que não tive contato com esses livros que trouxessem personagens negros. Algumas produções apresentavam sim, mas na figura de escravo ou folclórica como o Saci Pererê, por exemplo. A escassez de livros infantis da literatura brasileira que apresentassem personagens negros como protagonistas, fez-me querer pesquisar mais sobre esses personagens e como eram representados na literatura direcionada às crianças.

A literatura infantil em si é muito importante na formação da criança, atuando diretamente no desenvolvimento da imaginação, da inteligência, da sensibilidade e da visão de mundo desta criança. Contribuindo para que ela seja um indivíduo crítico e atuante na sociedade. A literatura tem um imenso acervo de temas que são abordados e um deles é a questão étnica para a qual chamo atenção neste trabalho. A Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, só veio reforçar a importância dos livros infantis apresentarem esses personagens negros de maneira positiva. Sendo necessário que a criança tenha contato com essas produções literárias, pois é na infância que começa a construir sua personalidade e identidade.

Escolhi como obra principal “Menina bonita do laço de fita” (1987) especialmente pela autora ser uma pioneira na maneira como apresenta uma personagem negra protagonista em seu livro. A autora Ana Maria Machado mostra uma menina negra, com cabelos de tranças vivendo de maneira simples e feliz. Um livro que não é atual, mas que apresenta a criança negra com outro aspecto não mais como escrava, ou de maneira preconceituosa. Vale salientar que com esta obra, a autora Ana Maria Machado, recebeu diversos prêmios, como Prêmio Bienal de São Paulo; Prêmio Melhores do ano, Biblioteca Nacional de Venezuela; Altamente Recomendável, Fundacletura, Bogotá, Colômbia; Melhor livro latino-americano, Buenos Aires e Prêmio Americas, EUA.

A partir de então busquei em outras produções literárias mais atuais conhecer outras protagonistas negras e me chamou a atenção o livro “O cabelo de

Lelê”, de Valéria Belém, que abordava o tema da aceitação dos cabelos cacheados. Também escolhi o conto de Monteiro Lobato “Negrinha” (1927), para compor este trabalho, com trechos da história, pois ele apresenta a personagem principal uma menina negra de forma totalmente negativa. Exatamente pra mostrar a distinção de como o a personagem negra é apresentadas nas obras infantis.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: No primeiro capítulo “*A Literatura Infantil: Um Breve Histórico*” Mostra a origem da literatura infantil na Europa, no final do século XVII, com um novo status da criança na sociedade, o que até então não existia nem o termo de “infância”. Momento em que a literatura infantil nasceu com o propósito de ensinar normas e valores familiares.

Neste mesmo capítulo, no tópico, “*A Literatura Infantil no Brasil*”, um breve histórico da literatura infantil no Brasil, ao qual Monteiro Lobato ficou considerado como “precursor” do gênero no país, com histórias populares e do folclore. E o momento em que o país buscava sua identidade artística, mostrando suas raízes raciais e culturais e glorificando as riquezas do povo e da terra.

No segundo capítulo “*A Presença Negra e a Desconstrução do Preconceito na Literatura Infantil*”, de que maneira a presença negra estava inserida nessas obras literárias, especialmente a figura feminina aos quais trouxe obras que seus personagens principais eram meninas negras. Pra mostrar a desvalorização da personagem negra foi escolhido conto “Negrinha” de Monteiro Lobato que mostra uma menina negra órfã que é mal tratada pela senhora branca. E como a partir da década de 80, que autores surgiram como novas propostas para romper com o estereótipo negro nas obras infantis. Dois livros “Menina bonita do laço de fita” e “O cabelo de Lelê” foram trazidos para mostrar como agora eram mostradas de maneira positiva personagens negras.

No mesmo capítulo, finalizando a pesquisa, o tópico, “*A Representação da Personagem Negra com Elementos da Estética Africana*” como a obra “Menina bonita do laço de fita” caminhou para a desconstrução do preconceito. Rompendo com as tradições das obras infantis, mostrando uma personagem negra de maneira positiva, exaltando a beleza com características da cultura negra.

1 . A LITERATURA INFANTIL: UM BREVE HISTÓRICO

A literatura infantil nasceu na Europa no final do século XVII e início do século XVIII, em meio à idade moderna. Antes disso não existia o termo “infância”. De acordo com Regina Zilberman a atenção para uma concepção de faixa etária diferenciada se deu através de um novo conceito de família.

A emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 2015, p. 3)

O status da criança na sociedade passa a ser modificada, visando preservar as ligações efetivas entre pais e filhos. Pois antes dessa constituição de nova família, a criança tinha um papel igualitário no mundo adulto. Não havia separação de faixa etária. As crianças trabalhavam, compartilhavam junto aos adultos os mais diversos eventos (execuções, doenças, vida política, guerras, festas e etc.)

É com a revolução industrial, no século XVIII, que o crescimento político e financeiro nas cidades colaboram para o enfraquecimento e abolição do poder rural e do feudal, ainda atuante, desde a idade média. Na estrutura feudal as linhagens eram valorizadas como forma de dominação para obter as grandes propriedades de terra e as heranças, estimulando, deste modo, uma maior expansão dos vínculos familiares.

Com a decadência dessa estrutura familiar por linhagens, o governo se apoia em um novo modelo de família. Que de acordo com Marisa Lajolo e Regina Zilberman, o estado absolutista, cujo desejo era consolidar um modo de vida mais doméstico, criou um modelo a ser seguido por todos, um modelo ideal de família. Onde cada membro tinha uma finalidade existencial. O pai sustentação econômica e a mãe gerenciar a vida doméstica. Tudo em um benefício maior ligado à criança, inteiramente para a conservação da infância, pondo a preservação da infância algo de valor e meta de vida. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1984, p.17).

A partir desse novo modelo de família, em que prevalecia “A primazia da vida doméstica, fundada no casamento e na educação de seus herdeiros; a

importância do afeto e da solidariedade de seus membros; a privacidade e o intimismo” (ZILBERMAN, 2015, p. 4) é que a criança começa a receber uma atenção particular, passa a ter proteção dos adultos e educação. Com um novo papel na sociedade, começam a aparecer produtos industrializados, ramos da ciência e cultura ligadas diretamente às crianças, como brinquedos, livros infantis, psicologia infantil, pedagogia e pediatria.

Apesar da criança agora estar inserida no processo social e contexto humano, ainda assim a transformação foi lenta. Como afirma Nelly Novaes Coelho:

A criança começa por ser encarada como um “adulto em miniatura” cujo período infantil deveria ser encurtado o mais depressa possível para que ela pudesse superá-lo e alcançar o estado adulto, ideal. A descoberta da qualidade específica do ser criança ou do ser adolescente (Como estados biológicos e psicológicos e valiosos, no desenvolvimento do ser) será feita em nosso século XX. (COELHO, 1991, p.139)

Deste modo, a literatura infantil teve sua origem como instrumento estritamente pedagógico, já que a escola passa a ter também uma nova significação, a de unir progressivamente as crianças ao mundo. A literatura infantil servia de suporte para a formação da criança, a partir de normas e valores da sociedade. “Os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo.” (ZILBERMAN, 2015, p. 03). Assim, o livro infantil serviu de suporte auxiliando a criança com histórias que apresentassem de maneira sistemática a realidade e auxiliassem na linguagem propondo assim uma expansão do domínio linguístico.

Os primeiros escritos infantis eram os contos de fadas, que valorizavam a fantasia e a imaginação. Eles reuniam estórias que há séculos vinham sendo transmitidas de gerações a gerações oralmente e só depois foram registradas por escrito. Autores como: Charles Perrault, Os irmãos Grimm, Christian Andersen e La Fontaine reuniram essas narrativas que até então só estavam preservadas na memória dos povos e transformaram-nas em livros. “Foram essas primeiras formas de escrita que permitiram que palavras ditas há milênios tivessem durado e pudessem, ainda hoje, ser ouvidas por nós”. (COELHO, 1991, p. 6)

A literatura infantil cresceu em meio à industrialização e com isso assumiu um caráter de mercadoria, pois trabalhava diretamente com a língua escrita e dependia da capacidade de leituras das crianças. Neste caso, a escola e a literatura criaram laços de consumo. Com os novos recursos tecnológicos houve a expansão nas produções de livros. De um lado, a literatura fazia intermédio entre a criança e a sociedade, de outro lado, estava a escola que precisava promover e estimular cada vez mais a circulação das obras.

Historicamente a literatura infantil era considerada um gênero secundário. De acordo com Lígia Cadermatori, no seu livro intitulado “O que é literatura” de 1986 afirma que para “o sistema literário a literatura infantil era um “primo pobre” e para sistema educativo ocupava o lugar de maior destaque, pelo papel na formação de leitores”. (CADERMATORI, 1986, p.9). Pois apesar do gênero infantil ter sido criado visando esse mercado específico, ele está ligado diretamente com a escolarização da criança. Por isso obtém essa postura pedagógica.

Lajolo e Zilberman afirmam que esses aspectos geram desconfiança entre os especialistas em teoria e crítica literária chegando a afirmarem que se tratava de “gênero fraco”, mas apesar de ser utilizada como instrumento para formação da criança, a literatura infantil possui um fator de permeabilidade ao interesse do leitor.

Equilibra essa inclinação pela incorporação ao texto do universo afetivo e emocional da criança [...] traduz para o leitor a realidade dele, mesmo a mais íntima, fazendo uso de simbologia que, se exige, para efeitos de análise, a atitude decifrador do intérprete, é assimilada pela sensibilidade da criança. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1984, p.20)

Nos dias atuais a literatura infantil já não é vista apenas com esse caráter de educação formal, Cademartori diz que a natureza literária está além dos objetivos pedagógicos e dos costumes, crenças que os adultos queiram transmitir. “É como entretenimento, aventura, estética e subjetiva, reordenação dos próprios conceitos e vivências que a literatura oferece, aos pequenos, padrões de leitura do mundo”. (CADERMATORI, 1986, p. 9) E, além disso, a criança que costuma ler, que possui esse hábito, geralmente escreve melhor e dispõe de um grande repertório de informações.

Sabemos que é o fato de ela propiciar determinadas experiências com a linguagem e com os sentidos - no espaço de liberdade que só a leitura possibilita, e que instituição nenhuma consegue oferecer - que a torna importante para uma criança. (CADERMATORI, 1986, p.9)

Cadernatori ainda afirma que a literatura tem o papel fundamental junto ao leitor de propiciar experiências, tanto na linguagem quanto no sentido. Desta maneira, fica evidente que além de fazer parte do processo da educação formal, ela pode proporcionar à criança construir sua identidade e a forma como ela enxerga o mundo.

1.1 A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

A literatura infantil no Brasil tem um pouco mais de um século, em seus primórdios um grande nome da ficção para crianças foi Monteiro Lobato, considerado um precursor do gênero no país.

A Monteiro Lobato coube à fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas [...] Lobato encontrou o caminho criador que a literatura infantil estava necessitando [...] abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia. (COELHO, 1991, p. 225)

Em 1921, Monteiro Lobato publica “Narizinho arrebitado”, que foi sucesso de vendas sendo inclusive adotado nas escolas públicas do estado de São Paulo. Segundo Lajolo (1984), entre 1920 – 1945 aumentou o número de produções literárias direcionadas para as crianças. O interesse de algumas editoras era quase que exclusivo para este mercado. Mesmo assim as criações de Lobato ainda se destacavam quase que solitárias.

De acordo com Coelho (1991), seus livros também eram amados por crianças não brasileiras. Transpondo fronteiras, os livros de Monteiro Lobato foram traduzidos para várias outras línguas.

No Brasil do início do século XX, havia um grande sentimento de valorização do nacional, ou seja, da cultura do país, suas grandezas, suas terras. De acordo com Maria Cristina Soares de Gouvêa, “Procurava-se escrever à criança brasileira na sua linguagem, sobre sua gente, suas raízes raciais e culturais”. (GOUVÊA, 2005, p.83)

A partir dessa visão os autores buscavam construir personagens e temas que mostrassem a brasilidade, o que fez com que muitos buscassem no folclore nacional tais referências. Desse modo, nas obras literárias da época tornou-se constante a temática racial, com personagens negros associados às tradições do país.

E a literatura infantil estava ligada diretamente a várias dessas questões raciais incorporando-as em suas narrativas. No artigo intitulado “Imagens do Negro na literatura infantil”, Gouvêa analisa algumas obras de 1900 a 1921 e constata que o personagem negro estava muitas vezes ausente, não participava, de fato, dos diálogos na narrativa, encontrando-se ligado apenas a cenas domésticas: “Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial. Ou então personagem presente nos contos que relatam o período escravocrata”. (GOUVÊA, 2005, p. 83-84)

Neste período, início do século XX, o país buscava sua própria identidade artística brasileira, glorificando as riquezas do povo e da terra, mostrando as raízes raciais e culturais. Sendo assim, o negro foi figura constante nas produções infantis, como contadores de história, característica oral de origem africana e sempre como personagens coadjuvantes. “Desse modo à temática racial tornou-se constante nas obras escritas entre as décadas de 1920 e 1940, por meio da presença de personagens negros, associados a raízes culturais do país” (GOUVÊA, 2005, p. 83) Exemplo “Histórias de Tia Nastácia” (1937) de Monteiro Lobato, “Histórias da velha Totônia” (1936) de José Lins do Rego, “Contos de mãe preta e histórias do pai João” (1933) de Osvaldo Orico.

Alguns romancistas na década de 30 também escrevem para a literatura infantil, com histórias populares e do folclore brasileiro. Nomes como Érico Veríssimo “As aventuras do avião vermelho” (1936), Graciliano Ramos “A terra dos meninos pelados” (1939).

Em virtude da Revolução Modernista, que rompia com as correntes literárias e artísticas anteriores (o Parnasianismo e o Simbolismo) a década de 30 teve uma

grande produção literária, trazendo um novo *status* para a literatura e arte no país. De acordo com Lajolo (1984, p.47-48), ao fim de seu ciclo, o Modernismo fortaleceu a literatura para crianças integrando assim o “conjunto da cultura brasileira”.

Mas é a partir de 1970, a grande expansão do mercado editorial brasileiro voltado para o público infantil. O chamado “boom” da literatura infantil brasileira ao qual as histórias infantis se fundia com o real como afirma Nelly Coelho:

A fantasia fundida ao real [...] oferece às crianças estórias atraentes, vivas e bem-humoradas que buscam diverti-las e, ao mesmo tempo, estimula-lhes a consciência crítica em relação aos valores defasados do sistema vigente e aos novos valores a serem eleitos. (COELHO, 1991, p. 263)

Foi nesse momento que muitos escritores e escritoras surgiram com uma nova visão de literatura. Uma “literatura inquieta e questionadora, que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive, questionando também valores sobre os quais nossa sociedade está assentada”. (COELHO, 1991, p. 259)

Diversos autores trouxeram criatividade e consciência crítica para suas produções literárias. Dentre eles: Ana Maria Machado, André Carvalho, Fernanda Lopes de Almeida, Lygia Bojunga Nunes, Rachel de Queiroz, Ruth Rocha, Ziraldo e etc.

Com as produções literárias infantis a todo o vapor, autores publicaram vários livros por ano, até para manter seu público. E pelo fato de que havia essa necessidade grande de consumo das obras, escritores acabam enveredando pelo caminho de Monteiro Lobato no quesito de repetirem personagens/cenários em vários títulos.

A literatura infantil brasileira mais contemporânea também reata pontas com a tradição lobatiana por outras vias. Por exemplo pela inversão que submete os conteúdos mais típicos da literatura infantil. Essa tendência contestadora se manifesta com clareza na ficção moderna, que envereda pela temática urbana, focalizando o Brasil atual impasses e crises. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1984, p.125)

Os temas voltados para urbanização falavam sobre problemas na sociedade, crises, pobreza, miséria, preconceitos, injustiça, marginalização entre outros. “Fazendo-se de porta voz de denúncias da crise social brasileira” (LAJOLO, ZILBERMAN, 1984, p. 160).

Lajolo, Zilberman (1984) Em decorrência das novas produções, que agora buscam outros temas e gêneros, como, por exemplo, as histórias policiais e ficção científica, a literatura infantil aumenta o número de textos autoconscientes, assumindo sua natureza de produto verbal, cultural e ideológico.

2. A PRESENÇA NEGRA E A DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO NA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil tem um papel importante que vai muito além de um ensino sistemático. Segundo Bárbara Vasconcelos de Carvalho a literatura infantil é “todo o acervo literário eleito pela criança: tudo aquilo que, depois de sua aceitação, se fixou e se imortalizou através dela” (CARVALHO, 1973, p. 48). A partir desta definição é possível entender que a literatura infantil abre portas para a criança despertar a imaginação, a inteligência, a sensibilidade e a percepção de mundo. Auxiliando, assim, na sua formação e tendo um peso enorme na vida da criança e no que ela vai levar como herança pra vida.

Como foi visto anteriormente, entre o período de 1920 a 1940 buscava-se levar para as produções infantis a identidade cultural do país. Ou seja, as tradições, crenças, raça, tudo que era relacionado à história daquele povo. E nesse mesmo período a temática racial estivera presente em várias dessas produções destinadas às crianças. “Tal temática tornou-se preocupação presente em grande parte dos autores voltados para esse público” (GOUVÊA, 2005, p. 83)

O personagem negro começa a aparecer nas produções infantis como secundário, quase como mítico, com inferioridade, e muitas vezes com sentimento e desejo de embranquecimento. A sociedade brasileira se inspirava nas ideias de progresso da Europa, com o desejo de modernidade, e a figura do negro era visto como “ordem social arcaica e ultrapassada. [...] Suas práticas e sua história constituiria a presença incômoda da antiga ordem escravocrata” (GOUVÊA, 2005, p.

84) Contrariando, assim, o que pretendiam as ideias modernas do país. Gouvêa ainda afirma:

[...] a questão da raça emerge de forma ambígua ao longo de tais narrativas. Por um lado, o negro vinha reafirmar a identidade nacional, associado ao folclore brasileiro e marcando com suas histórias, práticas religiosas e valores, a infância dos personagens. Por outro, esses mesmos valores não encontravam lugar no seio de uma sociedade que se pretendia moderna, fazendo-o ocupar um espaço social à parte. (GOUVÊA, 2005, p. 84)

De um lado a figura do personagem branco estava associada à modernidade enquanto o personagem negro era o oposto. A partir da representação do negro na literatura infantil brasileira, baseando-se nos preceitos da literatura infantil (despertar a imaginação, inteligência, sensibilidade e visão de mundo), qual a visão que uma criança negra pode ter de si através desses livros infantis?

De acordo com Antônio Candido, a literatura tem a função humanizadora:

É processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres [...] (CANDIDO, 2004, p.180)

A partir desta afirmação é possível enxergar que a literatura faz o indivíduo vivenciar as mais diversas situações e realidades. Diante desse contexto histórico, de inferioridade e de escravidão mostrado nos livros infantis, a criança negra buscava seu elo de representação. É marcante a presença do personagem negro nos livros infantis de Monteiro Lobato mostrando a figura do negro com inferioridade e preconceito. No artigo “Imagem do negro na literatura infantil no Brasil” Gouvêa mostra vários exemplos, dentre eles, no livro “Reinações de Narizinho” (1921), um trecho em que a personagem Emília se refere de maneira preconceituosa, comparando os lábios da personagem de Tia Nastácia a de “beijo de boi”. Gouvêa (2005) animalizar os personagens negros, os autores inferiorizavam o indivíduo através da sua estética e capacidade cognitiva.

Segundo Suely Dulce de Castilho “Sabe-se que a literatura infanto-juvenil, em termos gerais, ajuda as crianças, além de outras coisas, a construírem sua identidade. Num processo de transferência, os pequenos se colocam no lugar dos heróis e vivenciam as sensações dos personagens” (CASTILHO, 2004, p. 6) A partir do que diz Castilho, é possível entender a visão da criança negra ao se deparar com essas narrativas, “sentimento de inferioridade e de auto rejeição são as consequências mais comuns na autoestima da criança que não se reconhece nas histórias contadas pelos livros infantis” (CASTILHO, 2004, p. 7)

Ainda de acordo com Castilho, no artigo “Representação do negro na literatura Brasileira: Novas perspectivas” (2004), foi a partir da década de 80, com pesquisas e estudos a favor da não discriminação, que autores surgiram com novas propostas para romper com o estereótipo do negro nas obras infantis. Houve uma grande mudança quanto aos temas abordados na literatura infantil, a cultura, a identidade e religião africanas passaram a ocupar um espaço considerável nesta produção literária. O lugar do personagem negro passa a ser ativo, ocupando muitas vezes o papel de protagonista, valorizando, assim, a identidade negra.

O autor Kabengele Munanga (2006) no artigo “Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania” nos ajuda a entender um pouco sobre identidade negra, ao revelar que identidade está muito ligada à diversidade, que se trata do reconhecimento que o indivíduo tem de si próprio através da sua cultura, religião, gênero, raça e etc.. Sendo assim o indivíduo negro cria sua própria identidade e personalidade aprendendo sobre os costumes e crenças de seu povo.

Dentre os autores que buscavam uma produção inovadora destaque aqui Ana Maria Machado, com mais de 100 títulos publicados, premiada com Hans Christian Andersen, internacional, pelo conjunto de sua obra infantil (2000), vai trazer em seu livro “Menina bonita do laço de fita” (1986) essa mudança de perspectiva do lugar do negro na literatura infantil. A protagonista é uma menina negra, com cabelos cheios de tranças e pequenos laços de fita. Obra essa que recebeu cinco prêmios dentre eles o (Prêmio Américas) considerado um dos Melhores livros latinos no EUA em 1997

A narrativa da autora mostra uma visão bem diferente do negro que até então era apresentada nos livros infantis. Primeiramente com uma negra como protagonista, valorizando a beleza da garota, desconstruindo o padrão de beleza europeia da menina branca de cabelos lisos e valorizando a identidade negra.

Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feitos fiapos da noite. [...] ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do reino do Luar. (MACHADO, p. 4)

A beleza enfatizada pela autora não é mais a “beleza ocidental”, mas sim a beleza negra, que até então não se enxergava em produções literárias infantis, agora torna-se o principal tema do livro. A começar pelo próprio título da obra “Menina bonita do laço de fita”, que sugere ao leitor que não vai se tratar de qualquer menina, mas de uma menina muito bonita. A Ana Maria Machado apresenta a personagem negra valorizando suas qualidades físicas e psicológicas. A obra tem como característica a quebra do estereótipo do negro que até o momento era tão comum na literatura infantil, rompendo, assim, com essas “tradições” presentes na representação da figura negra na literatura infantil, a partir de um lugar de inferioridade.

É na infância que a criança começa a construir sua identidade, personalidade, e a literatura está ligada diretamente, junto com a escola, a contribuição para que essa criança seja um indivíduo atuante na sociedade, um agente social. E a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as escolas, tanto públicas quanto particulares, veio para reforçar o quanto é importante e necessário o respeito à diversidade e a quebra de estereótipos. Como afirma Castilho:

Essas obras literárias [...] contribuem de forma significativa para que as crianças, em especial as crianças negras, sejam despertadas para o mundo da escrita e da leitura vendo sua cor, sua história, sua cultura, suas características sendo representadas de forma positiva. E, por outro lado, estimulam as crianças brancas a compreender e respeitar as diversidades. (CASTILHO, 2004, p. 10)

Quando a escola não traz os livros infantis com personagens negras bem sucedidas, bem vestidas, princesas, reis, rainhas, fadas, famílias negras felizes,

estará comprometendo a formação da criança negra e branca. Favorecendo a ideia de uma raça ser superior a outra, estimulando, até certo ponto, o preconceito.

Ao longo dos anos, a literatura infantil brasileira foi dando cada vez mais destaque para a diversidade cultural do país, com mais autores dando voz a personagens negros, que não são mais “invisíveis”, nem discriminados, mas sim mostrando a valorização das diferenças. Como exemplo o livro “O cabelo de Lelê” de 2007, da autora Valéria Belém. O livro conta a história de Lelê, uma menina negra que não gosta do seu cabelo cacheado. E quer entender porque é assim, com tantos cachos? “Lelê não gosta do que vê. - de onde vem tantos cachinhos?, pergunta, sem saber o que fazer. Joga pra lá, puxa pra cá. Jeito não dá, jeito não tem”. (BELÉM, 2007, p. 5).

Valéria Belém, Jornalista e escritora, considerada “Amiga da Criança” pela ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Criança) possui mais de 15 títulos publicados, vai mostrar no livro “O cabelo de Lelê” (2007) exatamente a curiosidade que muitas crianças têm: “Por que sou diferente? Por que meu cabelo é cacheado?”. E pelo fato de muitos livros não terem a presença de um personagem com tais características faz com que o indivíduo se sinta excluído, discriminado, por ser “diferente de todos”. Ao se ver representada no texto da literatura infantil a criança se reconhece no outro.

Mexe e remexe até encontrar o tal livro muito sabido que tudo aquilo pode explicar. Depois do Atlântico, a África chama e conta uma trama de sonhos e medos, de guerras e vidas e mortes no enredo também de amor no ondulado cabelo puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido [...] são tantos cabelos tão lindos, tão belos. Lelê gosta do que vê. (BELÉM, 2004, p. 13.)

A autora, Valéria Belém, traz um personagem que não conhece suas origens, tem uma auto-depreciação de sua imagem. “Lelê não gosta do que vê” (Belém 2007) exatamente por não existirem, ao seu redor, exemplos com suas características. É assim que uma criança se vê. Mas a partir do momento que Lelê conhece suas origens, vê outros iguais a ela, a percepção que a personagem tem de si mesma muda completamente. Ela começa a gostar e a entender o que ela é.

No livro “Menina bonita do laço de fita” (1986) a autora mostra a realidade em forma de fantasia, utilizando o coelho que fala, pra mostrar as diferenças entre as raças.

Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor de rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso, sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto. E pensava; - ah quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela... (MACHADO, p. 7)

Ao utilizar o coelho branco como contraste, a autora busca mostrar que nem todo mundo tem o mesmo tom de pele, e não precisa ter. Ao longo da narrativa o coelho acha a cor da pele da menina tão linda, que quer ter a mesma cor. Ele se joga no balde de tinta, bebe muito café, come muita jabuticaba e nada funciona.

- Menina bonita do laço de fita qual o teu segredo pra ser tão pretinha?, a menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoadada, quando a mãe dela [...] - antes de uma avó preta que ela tinha... Aí o coelho [...] viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade porque a gente se parece sempre com nossos pais, os tios, os avós[...] (MACHADO, p. 15-16)

E com isso a autora enfatiza as diferenças e o respeito por elas. Os dois livros, tanto o da Ana Maria Machado “Menina bonita do laço de fita” (1986) e o da Valéria Belém “O cabelo de Lelê” (2007), possuem muitas semelhanças entre si. São vinte e um anos de diferença entre as duas obras, e é possível perceber que por mais que Ana Maria Machado estivesse começando a trazer para sua obra uma discussão de raça algumas palavras utilizadas na narrativa mostram o quanto esta discussão sobre a valorização do personagem negro na literatura infantil ainda estava no começo.

Um exemplo é quando o coelho chama a garota de “pretinha” e em outro momento em que se refere a mãe da menina de “mulata”. “[...] quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse. - Artes de uma avó preta que ela tinha...” (MACHADO, 1986, p. 15)

O termo “mulata” vem do latim “mulus” que se referia a um animal híbrido produto do cruzamento de um cavalo com uma jumenta. No século XVII, por

influência espanhola a palavra “mulato” passou a designar um mulo jovem. Com isso ao longo dos anos começou a ser um adjetivo para pessoas descendentes de brancos com negros.

Neste momento o uso deste termo não é apropriado e não é uma boa referência para a narrativa, é claro que naquele momento histórico, e no contexto que a autora utiliza seria um adjetivo usual, mas após muitas discussões acerca desta problemática tornou-se um vocábulo de cunho racista. De fato, em 1986, ano do lançamento do livro de Ana Maria Machado, as pesquisas e discussões ainda estavam “engatinhando”, mas hoje é importante frisar que cada vez mais as obras voltadas para a literatura infantil que discutem a temática étnica precisam ter o papel de respeitar e valorizar a cultura afro-brasileira de forma ampla e irrestrita.

Segundo Ana Maria Machado (2007, p. 71), conforme citado por Eliane Rabelo Corrêa Dionísio (2010, p. 58) “Ninguém nasce com preconceito. Ele se adquire, pouco a pouco, inculcado pela sociedade. É cultural, não é natural”. A partir do momento que obras como “Menina bonita do laço de fita” (1986) e “O cabelo de Lelê” (2007) trazem informações que discutem questões de raça, religião, cultura, dentre outros, é um caminho para a desconstrução do preconceito. Principalmente na literatura infantil quando a criança está começando a construir sua identidade e percebendo o mundo. Pensando nisso, a escola e os educadores precisam buscar produções literárias de qualidade que assegurem às crianças o melhor caminho para a desconstrução do preconceito. Munanga destaca quais exemplos para que através da educação seja possível alcançar esses valores humanos.

Ensinar aos alunos as contribuições dos diferentes grupos culturais na construção da identidade nacional; - mudar o currículo e a instrução básica, refletindo as perspectivas e experiências dos diversos grupos culturais, étnicos, raciais e sociais; - realçar a convivência harmoniosa dos diferentes grupos; o respeito e a aceitação dos grupos específicos na sociedade; - enfoque sobre a redução dos preconceitos e a busca de igualdade de oportunidades educacionais e de justiça social para todos; enfoque social, que estimula o pensamento analítico e crítico centrado na redistribuição do poder, da riqueza e dos outros recursos da sociedade entre os diversos grupos, etc. (MUNANGA, ANO, p. 7)

Deste modo, é de extrema importância à existência obras infantis que tragam personagens negros, sendo retratados com respeito e igualdade. Narrativas que valorizem a diversidade cultural. Para que a criança negra possa se enxergar através destes personagens, facilitando a construção da sua identidade, sem se sentir excluído ou discriminado.

2.1 A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA COM ELEMENTOS DA ESTÉTICA AFRICANA

A literatura infantil tem um papel fundamental na formação da criança. É através da literatura que a criança começa a construir o seu olhar crítico sobre os diferentes assuntos. No livro da Ana Maria Machado “Menina bonita do laço de fita” (1986) o mundo real e o fantasioso estão entrelaçados. O que Nelly Novaes Coelho vai classificar de “A literatura Híbrida”.

A literatura híbrida parte do real e nele introduz o imaginário ou a fantasia, anulando os limites entre um e outro. [...] Os universos por ela criada se inserem na linha do “realismo mágico”, tão em voga na literatura contemporânea. Comumente, seu espaço básico é o próprio cotidiano, bem familiar às crianças, onde de repente entra, de maneira natural, o estranho, o mágico, o insólito. (COELHO, 1991, p. 266)

O elemento mágico presente nesse livro vai ser a figura do coelho que fala. A fantasia muitas vezes mostra a realidade do ambiente em que vive através das ilustrações, palavras e das cores que estão presentes nos livros. No capítulo anterior já vimos que a realidade mostrada na literatura infantil em seus primórdios para a criança negra não era a mais instigadora, e sim era mostrada de maneira preconceituosa e desvalorizada. A partir da década de 80, com pesquisas e estudos esse quadro começou a mudar no Brasil.

O livro “Menina bonita do laço de fita” (1986) dá espaço a uma menina negra, sendo personagem principal da obra, como já foi evidenciado anteriormente. De maneira inovadora a autora traz a personagem não como papel secundário, mas sim como protagonista e ainda ressaltando suas características físicas. O

personagem é elemento primordial para a história. No livro são descritas e ilustradas suas características físicas, mentais e comportamentais.

E com isso a autora, Ana Maria Machado, evidencia e valoriza a beleza negra e frisa a importância das origens africanas. “Ainda por cima, a mãe gostava de fazer tranças no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar”. (MACHADO, 1986, p. 5)

Destaco aqui a importância do texto não verbal na literatura infantil, pois além de atrair as crianças ainda ajuda a contar as histórias. As ilustrações auxiliam as crianças na apropriação do texto literário. As imagens nos livros infantis com personagens negras, por exemplo, ajudam as meninas negras a se reconhecerem no outro.

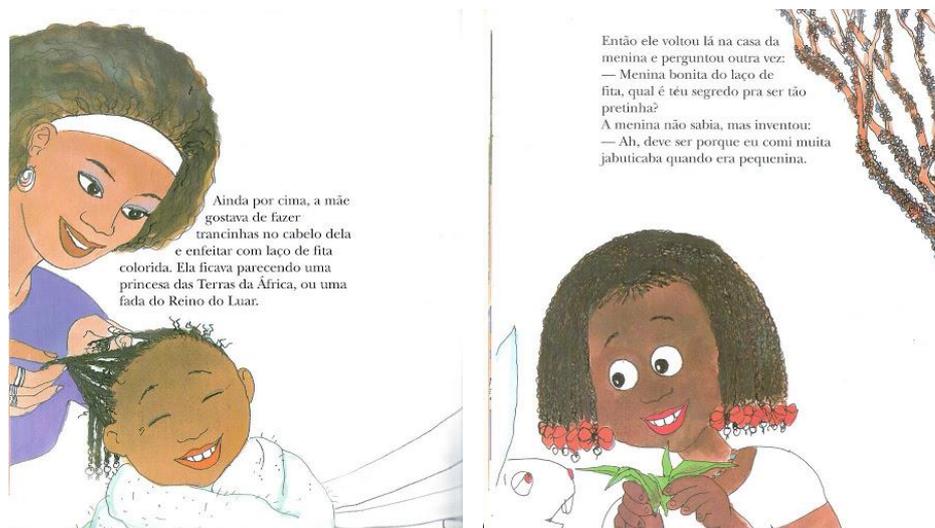


Imagem 1 – *Menina bonita do laço de fita*. Ilustração Claudius. A mãe da menina fazendo tranças em seus cabelos.

Imagem 2 – A menina com seus cabelos de tranças, com todas as características descritas pela autora.

Segundo Eliane Rabelo Corrêa Dionísio, em sua dissertação de mestrado “Desconstrução do preconceito: Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado” (2010), enfatiza o fato da autora começar a narrativa com “era uma vez”, a velha fórmula dos contos infantis. “Era uma vez, uma menina linda, linda.” (MACHADO, 1986, p. 2), mas não vai se tratar de um conto de fadas onde há princesa de cabelos loiros como tantos outros contos clássicos. Mas sim de uma menina comparada a “uma princesa das terras da África” (MACHADO, 1986, p. 2)

De acordo com Dionísio, Ana Maria Machado utiliza deste artifício na “desconstrução do “mito” da beleza ocidental singular” (DIONISIO, 2010, p. 91)

Ao enfatizar que parecia uma princesa africana, mostra que a menina tem traços de origem africana. Sendo esse um fator muito importante para revelar a forte influência que a África tem no Brasil, não apenas visível nos traços físicos, mas através da cultura enraizada no país. É interessante sempre ressaltar a cultura africana nos livros infantis para que a criança assimile a importância desta cultura na formação do povo brasileiro.

No livro “Menina bonita do laço de fita” (1986) é possível enxergar um exemplo de exaltação da beleza negra. Mas isso, até então, era algo “novo” na Literatura Infantil, já que a estética negra não era retratada de maneira positiva, em que seus traços físicos fossem considerados bonitos. Um exemplo que contrasta com a livro da Ana Maria Machado é um conto muito famoso de Monteiro Lobato “Negrinha” (1927) da década de 20.

No conto, o narrador descreve a menina com vários adjetivos pejorativos. “Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta?? Não. Fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.”(LOBATO, 1927) Esse é um dos vários contos e livros infantis que retratam de forma negativa e sem o menor prestígio personagens negras da época.

De acordo com Gouvêa (2005), uma das principais características encontradas em vários textos analisados pela autora, era de que sempre os nomes dos personagens negros eram substituídos por vocábulos que faziam referência à cor da pele. Como: preto, preta, negro, negra, preto velho, negra velha. Assim como no título do conto “Negrinha” (1927). E ao longo de toda a narrativa não se sabe o nome da garota órfã citada no conto de Monteiro Lobato. A menina era apenas conhecida por “negrinha” como se não houvesse nenhuma importância em seu nome. Segundo Gouvêa “Era o “pertencimento” racial que situava os personagens na narrativa [...] Pode-se analisar que a referência racial é que conferia identidade ao personagem, distinguindo-o dos demais, definindo uma alteridade.” (GOUVÊA, 2005, p. 88)

Outra característica que Gouvêa observou nos livros infantis da década de 30 era que os personagens negros eram descritos muitas vezes com atributos físicos animalescos. A autora afirma:

Os atributos físicos dos personagens eram descritos de forma diferenciada ao se referir a negros e a brancos. Assim é que, enquanto o branco tinha “cabeça”, o negro “carapinha, ou carapinha dura”, o branco tinha “cabelo” e o negro “pixaim”, o branco possuía “lábios” e o negro “beicho”, “é beicho, tem gengiva vermelha”. O branco tinha “nariz” e o negro “ventas”. O branco tinha “pele” e o negro era “lustroso”. Da mesma forma, a branca “se sentava” a negra “se escarrapachar”. Fica clara uma animalização do negro, na medida em que a descrição do seu corpo colocava-o entre o corpo animal e o corpo do homem branco. (GOUVÊA, p. 88)

Assim, à medida que os autores representam de forma animalesca os personagens negros também inferiorizam suas capacidades cognitivas. Qualificando-os como animais, como seres desprovidos de inteligência.

Uma das importâncias da literatura infantil é possibilitar para a criança um lugar de identificação para assim construir sua identidade. Mas a partir do momento em que uma menina negra se depara com atributos físicos pejorativos, como os citados no conto “Negrinha” (1927), pode “adotar uma imagem depreciativa delas mesmas [...] condenadas a sofrer a tortura da baixa autoestima.” (MUNANGA, 2006, p. 6)

E atualmente os livros infantis abordam temas que não se diferem em nada dos temas presentes na literatura feita para adultos ou nos textos jornalísticos, como afirma José Nicolau Gregorin Filho.

Os valores discutidos na literatura para crianças são valores humanos. Construídos através de uma longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas. (FILHO, 2010, p. 7)

Deste modo, é importante a existência de personagens negros na Literatura Infantil. No livro “O cabelo de Lelê” (2007), um livro mais atual, podemos ver que o tema central da narrativa é aceitação. Aceitar e entender as diferenças. Para que a menina negra de cabelos cacheados, que sempre se depara com os livros infantis com personagens que são princesas, meninas ou mulheres, fadas de cabelos lisos é difícil olhar e se ver diferente. O que torna a criança frustrada por ser diferente

daquelas personagens que são exaltadas por possuírem aquele aspecto físico que a mesma não possui.

A autora Valéria Belém descreve uma garota que não gosta de seus cabelos cacheados, não entende o porquê de seus cabelos serem daquela maneira. E a partir do momento que ela vê as diferentes formas de cabelos, começa a sentir que gosta do que vê, entende suas origens e o porquê de ter essas características. Passa a aceitar e amar o que ela é.

Lelê gosta do que vê. [...] descobre a beleza de ser como é. Herança trocada no ventre da raça do pai, do avô, de além-mar [...] Lelê já sabe que em cada cachinho existe um pedaço de sua história. Que gira e roda no fuso da terra. De tantos cabelos que são a memória. Lelê ama o que vê. (BELÉM, 2007, p.8-13)

Ao se deparar com um livro onde mostra uma personagem que possua o cabelo cacheado, por exemplo, e que ao longo da narrativa aquele aspecto físico seja valorizado, levanta a autoestima da criança. E a partir disso percebe que existem as mais variadas formas de belezas. Que é possível ser bonita de cabelos cacheados, ondulados ou crespos.



Imagem 3 - O cabelo de Lelê. Ilustração Adriana Mendonça. A menina está feliz com seu cabelo.

Imagem 4 – Lelê exibe com orgulho seu cabelo nas ruas.

Temas de aceitação estão mais fortes na literatura infantil atual, mas Ana Maria Machado já trazia esse tema em seu livro “Menina bonita do laço de fita” (1986) exaltando a beleza do cabelo da menina, com tranças, característica da cultura negra. Porque as tranças são símbolo da identidade negra.

De acordo com Gilmar Aparecida Guedes dos Santos Dadie, na sua dissertação de mestrado “Personagens negros, protagonistas nos livros da educação infantil: estudo do acervo de uma escola de educação infantil do município de São Paulo” frisou a importância do cabelo para a população negra. Pois ainda hoje, na mente dos brasileiros, existe a distinção de cabelo “bom” e “ruim”. E ao aceitar essa oposição, o indivíduo está alimentando cada vez mais “[...] a oposição maniqueísta, bem *versus* mal e, de maneira subliminar, a negritude é associada à ruindade, a maldade em oposição à bondade” (DADIE, 2013 p. 106)

Dadie (2013) ainda revela os vários movimentos criados por grupos que tornaram seus cabelos como símbolo de luta pela resistência e autoafirmação. Por exemplo, o “*Black Power*” dos Panteras Negras na década de 60 e 70, nos Estados Unidos, que buscavam a contestação e reafirmação do negro valorizando seus traços africanos. “O movimento de revigoração da estética negra se propagou e alcançou vários países, inclusive o Brasil, e é neste contexto que nasce o conceito de “beleza negra” em nosso país.” (DADIE, 2013, p. 106) Neste mesmo período a estética negra influenciou a música, “*Soul Music*” com seus integrantes utilizando penteados afros. Esses movimentos foram de extrema importância para fazer a sociedade reconhecer e valorizar o cabelo crespo, e mostrar que não existe um “padrão natural e ideal”. Por isso que o cabelo crespo, cacheado, as tranças, amarrados com turbantes, todos esses penteados fazem parte da referência na construção da identidade negra.

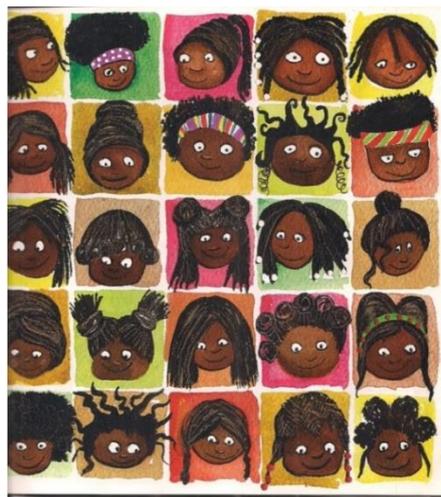


Imagem 5 – O cabelo de Lelê. Na ilustração é possível ver os mais diversos tipos de penteados afros. Servindo de inspiração para Lelê aprender sobre sua cultura e origens.

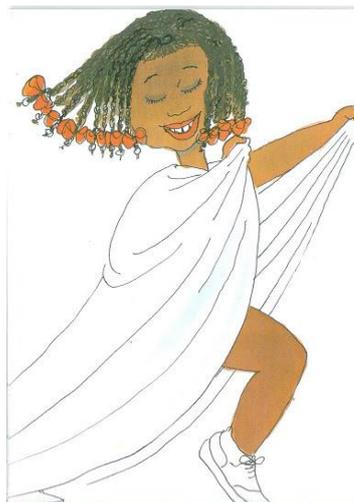


Imagem 6 – Menina bonita do laço de fita. Ilustração Claudius. É possível ver a menina exibindo com orgulho suas tranças.

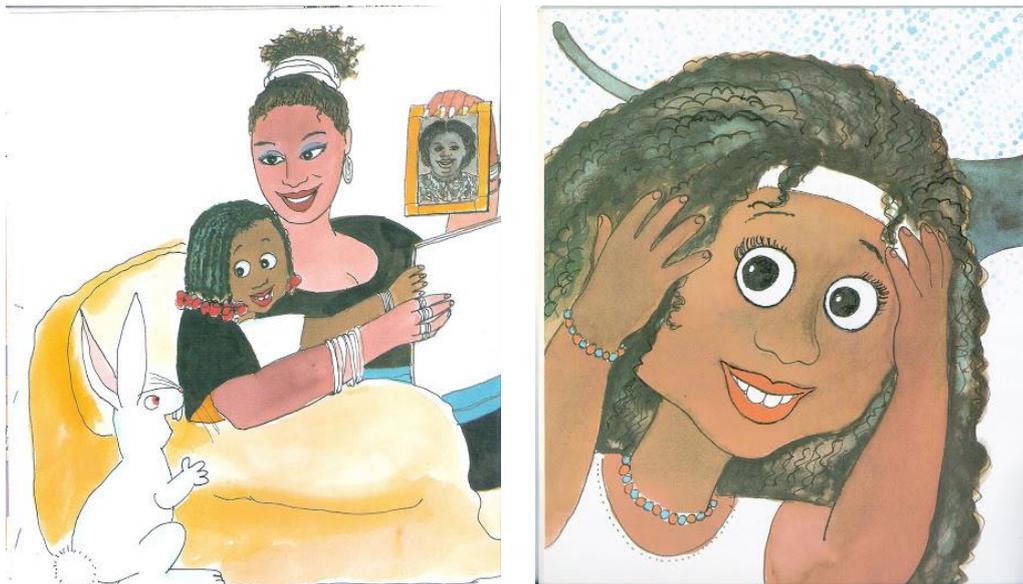


Imagem 7 – *Menina bonita do laço de fita*. A mãe da menina também é destacada com os cabelos crespos/cacheados mostrando que avó da menina também possuía as mesmas características.

Imagem 8 – A menina está sem as tranças. Demonstrando felicidade com seus cabelos.

O fato da produção de Ana Maria Machado começar a narrativa com “era uma vez...” seus personagens não são “heroicas, no sentido convencional do termo [...] na verdade o herói é aquele que sabe resolver sozinho todas as dificuldades” (DIONISIO, 2010, p. 91) o que não acontece ao longo da narrativa. Propondo assim, ao final, um “recomeço”. Pois segundo a autora, “Ao invés de encerrar com a fórmula “e viveram felizes para sempre” a autora apresenta ao coelho uma “coelhinha escura como a noite que achava aquele coelho branco uma graça” (MACHADO, 1987, p. 16) a coelha bonita que usava um laço de fita e também é questionada do seu segredo de ser tão pretinha” (DIONISIO, 2010, p. 91).

Desde do início de sua narrativa, Ana Maria Machado, rompe com a tradição das histórias clássicas infantis. Promovendo de maneira natural a desconstrução do preconceito (trazendo uma menina negra como protagonista de sua obra) rompendo as barreiras de “beleza ideal” ao valorizar a beleza negra, instigando, assim, um novo olhar sobre a figura negra na literatura infantil. Por isso se faz necessário que cada vez mais existam produções literárias infantis que tenham o propósito de romper paradigmas e estereótipos.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho foi possível perceber a forte influência que a literatura infantil tem na formação da criança. Pois é através dos livros que as crianças aprendem sobre elas mesmas e o mundo. Por isso as produções literárias estão cada vez mais trazendo temas do cotidiano das pessoas. Fazendo o indivíduo vivenciar diversas situações e realidades. Pensando nisso é que esse gênero não pode ser classificado como menor.

Hoje, há uma produção literária/artística para as crianças que não nasce apenas da necessidade de se transformar em mero recurso pedagógico, mas cujas principais funções, são o lúdico, o catártico e o libertador, além do cognitivo, e do pragmático, já que visa a preparar o indivíduo para uma vida num mundo repleto de diversidades. (FILHO, 2010, p.21)

E a temática étnica vem se tornando cada vez mais presente nas obras infantis, visando intensificar o respeito pela diversidade. “Menina bonita do laço de fita” surge com uma nova ideia a de romper estes estereótipos. Apresentando uma personagem negra como destaque, valorizando a beleza negra. Trazendo uma literatura inovadora, rompendo com os padrões de beleza que até então eram encontrados nas obras infantis. Servindo de inspiração para outras produções literárias.

Era costume encontrar nos livros infantis a figura do negro com características animais, sempre tratados como inferiores, como escravos, carregados de preconceitos com seu corpo e sua cultura. E a partir do momento que uma criança negra tem contato com essas produções literárias, ela acaba experimentando um sentimento de auto rejeição e de negação a sua identidade.

Por isso, através deste trabalho, busquei mostrar a importância de produções literárias que valorizem e respeitem a diversidade cultural, pois não é a cor da pele que vai dizer ser alguém é melhor, mais rico ou mais inteligente. E com a lei 10.639/03, veio reforçar a necessidade de incluir nas escolas a história e cultura africana e afro-brasileira, para que a todas as crianças conheçam suas

heranças culturais. “podendo a literatura ser um ótimo meio para um embarque na aventura rumo ao imaginário de povos fascinantes, como o são os africanos.” (CASTILHO, 2004, p.10) Porque lendo sobre a cultura africana, os costumes e os valores é uma forma de perpetuar a cultura. E só através da educação será possível estimular a compreensão e respeito pelas diversidades.

REFERÊNCIAS

- BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Nacional, 2007.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 3º ed. São Paulo. Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Literatura Infantil - Estudos**. Lotus. São Paulo, 1985.
- CANDIDO, Antônio. A literatura e formação do homem. *Ciência e cultura*, v 24, n 9, set 1972.
- CASTILHO, Suely Dulce de. **A representação do negro na literatura brasileira: Novas perspectivas**. Olhar de professor, Ponta Grossa, 7(1): p. 103-113. 2004
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4º ed. São Paulo. Ática, 1991
- DADIE, Gilmara Aparecida Guedes dos Santos. *Personagens Negros, protagonistas nos livros de educação infantil: estudo do acervo de uma escola de educação infantil do município de São Paulo*. 2013. 172p. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- DIONÍSIO, Eliane Rabelo Corrêa. **Desconstrução do preconceito: Menina bonita do laço de fita, Ana Maria Machado**. Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2010.
- FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura Infantil: Múltiplas Linguagens na Formação de Leitores**. 1º ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. Educação e pesquisa. São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005
- LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira: História e histórias**. São Paulo: Ática, 1984.
- LOBATO, Monteiro. 1882-1948. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo. Ática, 1987.
- MUNANGA, Kabengele. Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania. Revista de educação. N. 12. set/2005.
- ZILBERMAN, Regina. MAGALHÃES, Ligia Cadermatori. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. 3º ed. São Paulo. Editora Ática, 1987.
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo. Global, 1987.